

Crítica Zeta Filmes

Por Francesca Azzi

Cao Guimarães consegue transformar, através do posicionamento de seu olhar, seus personagens "reais" em ficcionais. Ele não mata a existência do acaso. Um mundo de tão real se faz ficcional.

O que mais impressiona em "Andarilho" de Cao Guimarães é sua clarividência. Acompanhando daqui e dali sua carreira de artista, fotógrafo e cineasta, posso dizer que "Andarilho" é um grande estatuto de sua pesquisa experimental. Pequenos traços de "O fim do sem fim", filme coletivo do trio de amigos de faculdade, Beto Magalhães, Cao Guimarães e Lucas Bambozzi, que é bem mais frenético, mais perturbado pela linguagem videográfica e pela trilha pulsante, talvez mais influenciado pela estética de Bambozzi. O filme, de maneira original, trata de ofícios em extinção no Brasil, profissões em decadência pelos processos de modernização como a do tocador de sinos, do fotógrafo lambe-lambe, do lanterninha etc.

Mas Cao Guimarães, o artista-cineasta, se encontra em "A Alma do Osso". Seu primeiro documentário solo abre mais uma possibilidade de que aconteça no cinema brasileiro um olhar, em certo sentido, menos narrativo (neste sentido, menos "cinematográfico") e menos documental (não segue padrões acadêmicos da linguagem dos documentários, sejam eles modernos ou pós-modernos). Optando por uma abordagem ora objetiva porque observa com certa distância e deixa acontecer, ora subjetiva porque opta por não vasculhar a alma de seu personagem. Apesar do nome, o filme sem história e quase sem diálogos (primeira fala aos 50 minutos do filme) trata da vida de um ermitão, Dominginhos da Pedra, que mora em cavernas no interior de Minas. Isolado do mundo há mais de 40 anos, numa rotina bem severa, cheia de repetições e compulsões, Dominginhos é muito magro e possui uma fala embolada, quase incompreensível. O

filme é um nó na garganta.

Já "Andarilho" é um filme mais racional, mais arquitetado, concreto. Joga com a ambivalência de sentidos. De um lado a fluidez da fotografia que dilui a paisagem dura das estradas, da luzes dos carros, do calor do sol, de outro a rigidez e a precisão do plano, estudado, desenhado, plástico, entrecortado para a existência daqueles personagens. E estas dicotomias de sentido, sugeridas pelo filme, continuam nos momentos nos quais eles, os personagens, se revelam. Um deles (Gaúcho) é insano, desconstruído, loiro, carrega suas bagagem nas costas, fala com ares de inteligência e certa arrogância que se calam em hábitos inventados. O outro, Paulão, é metódico, negro, carrega seus pertences num carro que empurra pelas estradas, organizado, prepara sua refeição, acredita em Deus, não tem ares de louco, é calmo. O terceiro, Nercino, é maníaco, doente, repete palavras a esmo, não parece estar conectado com nada que não seja seu próprio isolamento. Em comum, os três habitam as estradas do norte de Minas, andam por elas.

Estes são os personagens de "Andarilho" e observá-los não representa nenhum exercício antropológico, mas muito mais filosófico. Somos levados a vê-los, por minutos a fio, quase não há falas (só os sons naturais captados de maneira metafórica pelo genial "Grivo". Metafórico porque nos leva em elipses a todo tempo para algo do extra-campo, além da visão. Ex: se vemos ao longe a barbearia de estrada, ouvimos o som dos pés arrastados do barbeiro que corta o cabelo). Ouvimos com potência o barulho dos caminhões gigantes que passam arrebatando o asfalto (quem um dia disse que odiava o barulho de carros passando em velocidade na estrada?) e o som hipersensível de tudo que está neste entorno. Sim, porque nosso ponto de vista e de audição é de quem está ao lado do asfalto, às vezes fora dele, por pouco.

Cao Guimarães consegue transformar, através do posicionamento de seu

olhar, seus personagens "reais" em ficcionais. Impressiona a maneira como eles se colocam diante das câmeras, com total naturalidade, não há vacilos. Em certos momentos, temos a sensação de estar num filme roteirizado, em que as falas (nos poucos momentos que elas acontecem) foram ensaiadas, tamanha a naturalidade dos três andarilhos. Ele não mata a existência do acaso. Um mundo de tão real se faz ficcional.

Observa-se na cuidadosa produção do filme uma continuidade na parceria com Beto Magalhães, o grupo "O Grivo" e Gibi (que é quem faz a pesquisa dos personagens). Difícil conviver com esta verdade. Este homem que se funde, desintegra-se na paisagem, meio verde, meio cinza, meio barro. Um sol cruel, e a loucura cozinhando os miolos. Pra quê a verdade? O dinheiro, o asseio, a comida, a fala, pra quê? Mas este filme não é sobre a verdade, e sim sobre o real, que representa algo muito mais vertiginoso em nós, pois o real não discute a verdade, ele instaura este status do sofrimento, da insanidade, da incoerência, da escolha entre ser homem ou ser animal. O real (muito bem ilustrado no nome pintado em letras brancas na fachada azul do bar de beira de estrada) só ele torna possível uma identificação comum entre mim, você e as outras pessoas que assistem ao "Andarilho". Em muitos momentos pensei: ah! Sim, esta sensação... ah! Sim esta outra... Pequenas revelações em ínfimos segundos de quando ficamos ali parados em algum lugar do mundo, numa beira de estrada em Minas e por quê não? Um mundo do qual estamos tão distanciados pelo nosso frenesi diário, pelo excesso de conectividade, de organização racional do trabalho, pela não presença do silêncio, do não-sentido. "Andarilho" mais do que nos mostrar estes três homens e seus caminhos, nos mostra o quanto estamos distantes deste real e o quanto estamos distanciados de nós mesmos, para o bem ou não da humanidade.